

BORRACHA NATURAL

SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS

Paulo Morceli

Analista de Mercado da Borracha Natural

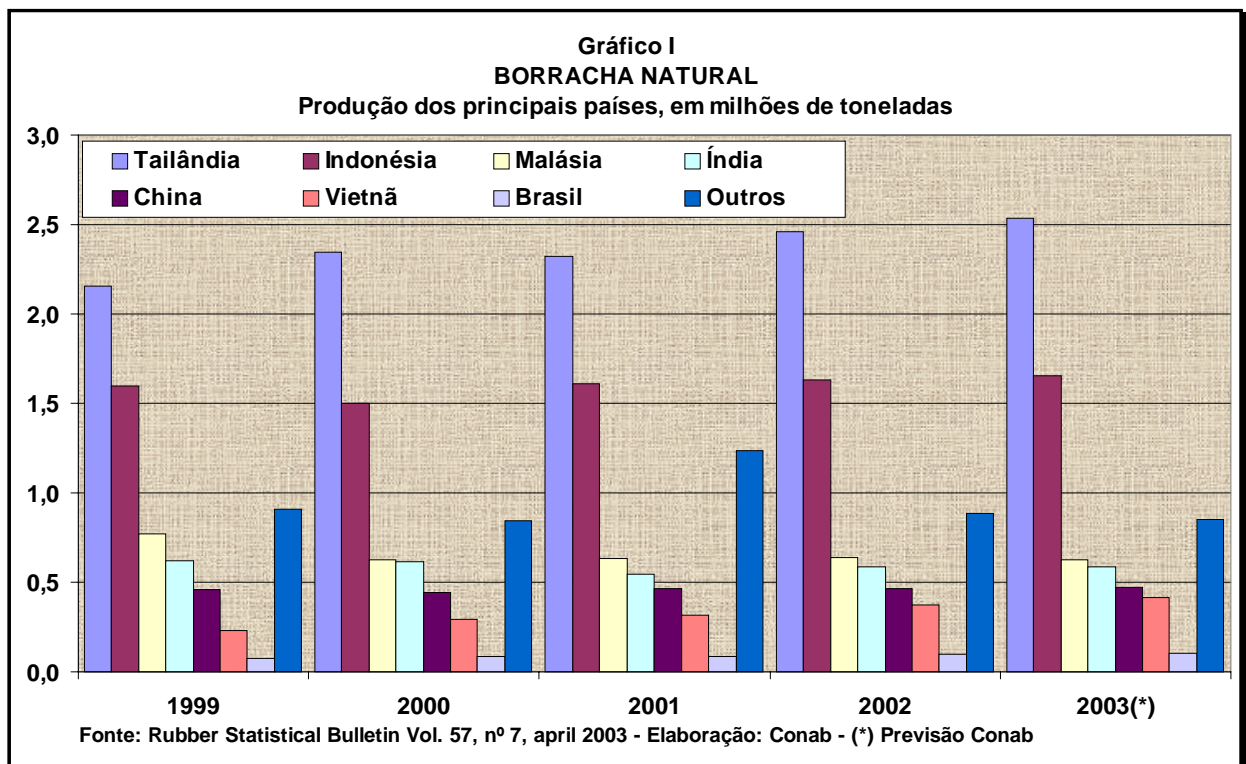
COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB

Paulo.morceli@conab.gov.br - fone (61) 312-6250

14/11/2003

Conforme detalha o Gráfico I, é de 7,2 milhões de toneladas a estimativa da produção de borracha em 2003, sendo que o principal produtor continua sendo a Tailândia, que colocará no mercado 2,5 milhões de toneladas, ou seja, 34,72% do total. A Indonésia vem em seguida, com a produção prevista de 1,7 milhões de toneladas, e a Malásia, com 0,6 milhão de toneladas. Quanto à queda na produção da Malásia, ela tem duas causas: seus seringais estão em fase de renovação, e muitos heveicultores estão deixando a atividade, para se dedicar ao plantio de palma.

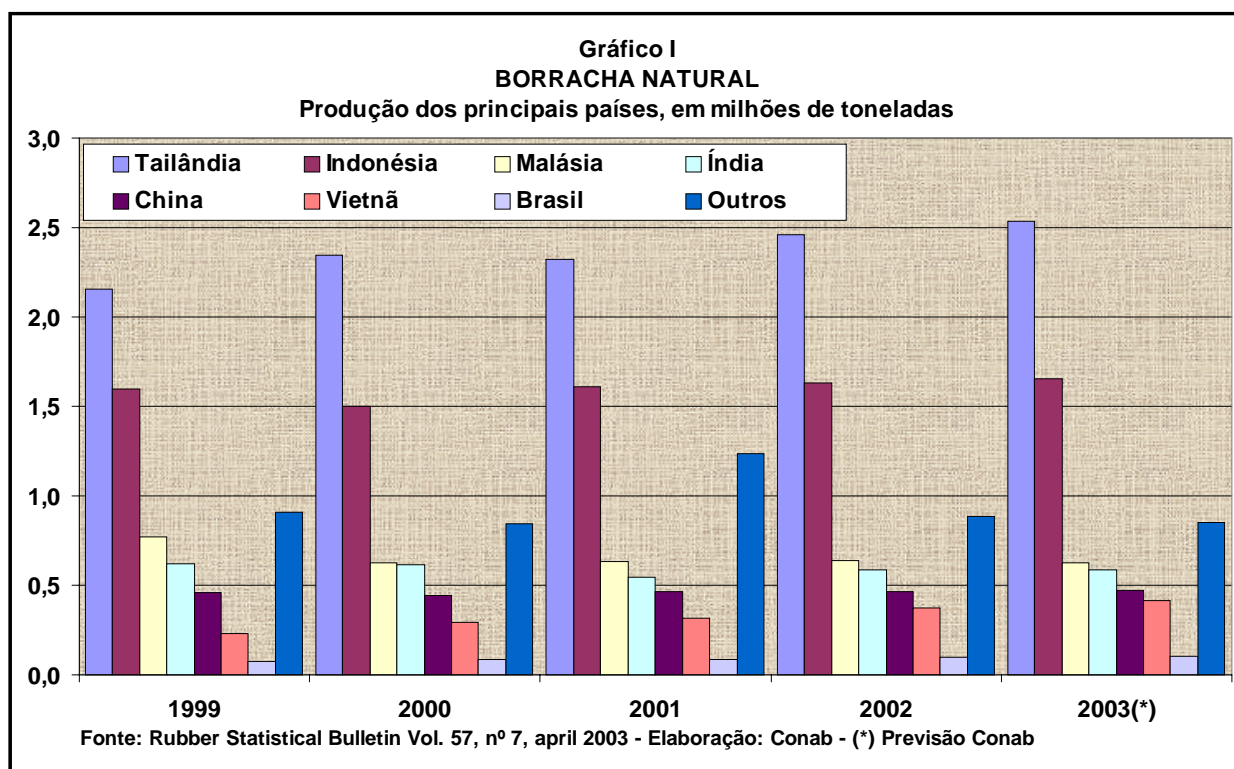
Mais de noventa por cento de toda a produção mundial vem dos países da Ásia (Tailândia, Indonésia, Malásia, Índia, China, Vietnã e outros de menor expressão), e na há condição de mudar essa realidade no médio prazo. Dois fatos foram importantes para que isso acontecesse: os investimentos feitos, especialmente pela Inglaterra, na aclimação da *Hevea Brasiliensis* ao clima da região, e os investimentos econômicos na exploração do látex. Atualmente já aparecem alguns focos importantes de produção nos países africanos banhados pelo Oceano Atlântico, tais como Libéria, Camarões e Nigéria.



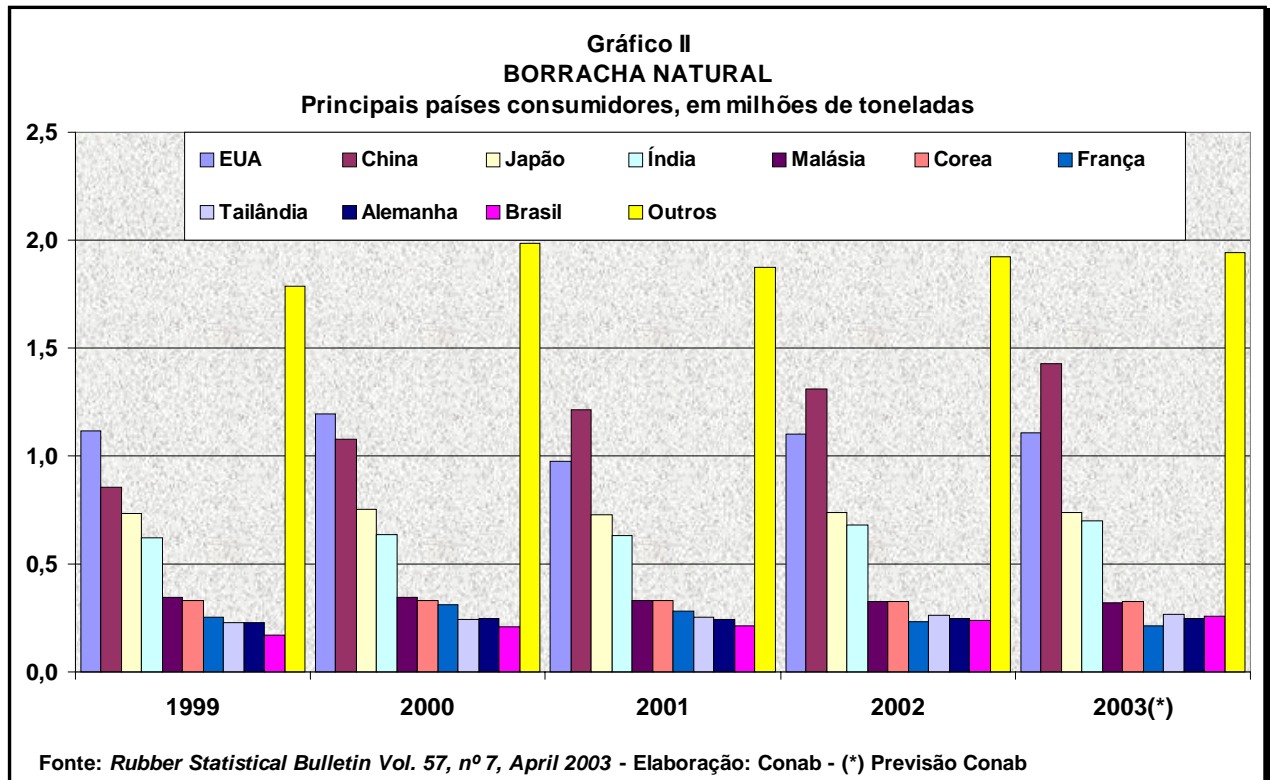
O Brasil, berço dessa árvore, é hoje o 9º produtor mundial, devendo contribuir com apenas 101,5 mil toneladas, ou seja, 1,40% do total a ser produzido em 2003.

Com relação ao consumo, a demanda está estimada em 7,5 milhões de toneladas em 2003, e os principais participantes aparecem no Gráfico II. A China vem crescendo de forma excepcional nos últimos anos, passando de 852,0 mil toneladas, em 1999, para a previsão de 1.425,1 mil toneladas em 2003, aumento de 67,27% no período. Dois fatos explicam esse desempenho: o consumo de borracha para fabricação de pneus (para uso interno e para exportação) e para produção de artefatos de borracha, especialmente pequenos brinquedos vendidos em lojas de R\$ 1,99.

Os Estados Unidos têm mantido a demanda ao redor de 1,1 milhão de toneladas por ano, e sua indústria atende a mercados estabilizados, com pouca variação no consumo de matéria-prima. De uma forma geral, em todos os países consumidores a demanda tem crescido a taxas pequenas, exceto na China. Na projeção para este ano, o incremento do consumo foi estimado em 2,24%, mas, sobre esse aspecto, cabe lembrar que, em geral, os principais produtores não são os maiores consumidores, por isso existe um importante comércio internacional dessa matéria-prima.



Na relação entre a oferta e a demanda é importante analisar os dados da Índia, que produzirá 586,4 mil toneladas em 2003, mas usará 698,1 mil toneladas, gerando déficit de 111,7 mil toneladas. Praticamente todos os produtos feitos de borracha admitem, em sua composição, a mistura com produto sintético, muito mais barato. Enquanto, na média mundial, são utilizados entre 20 e 40% de borracha natural em relação ao total, na Índia os produtos contêm 70% de borracha da seringueira. Se os processos industriais daquele país forem modificados, o déficit acabará, ou seja, não haverá mais necessidade de importar e o país ainda disponibilizará, para o mercado



externo, algo próximo de 100,0 mil toneladas.

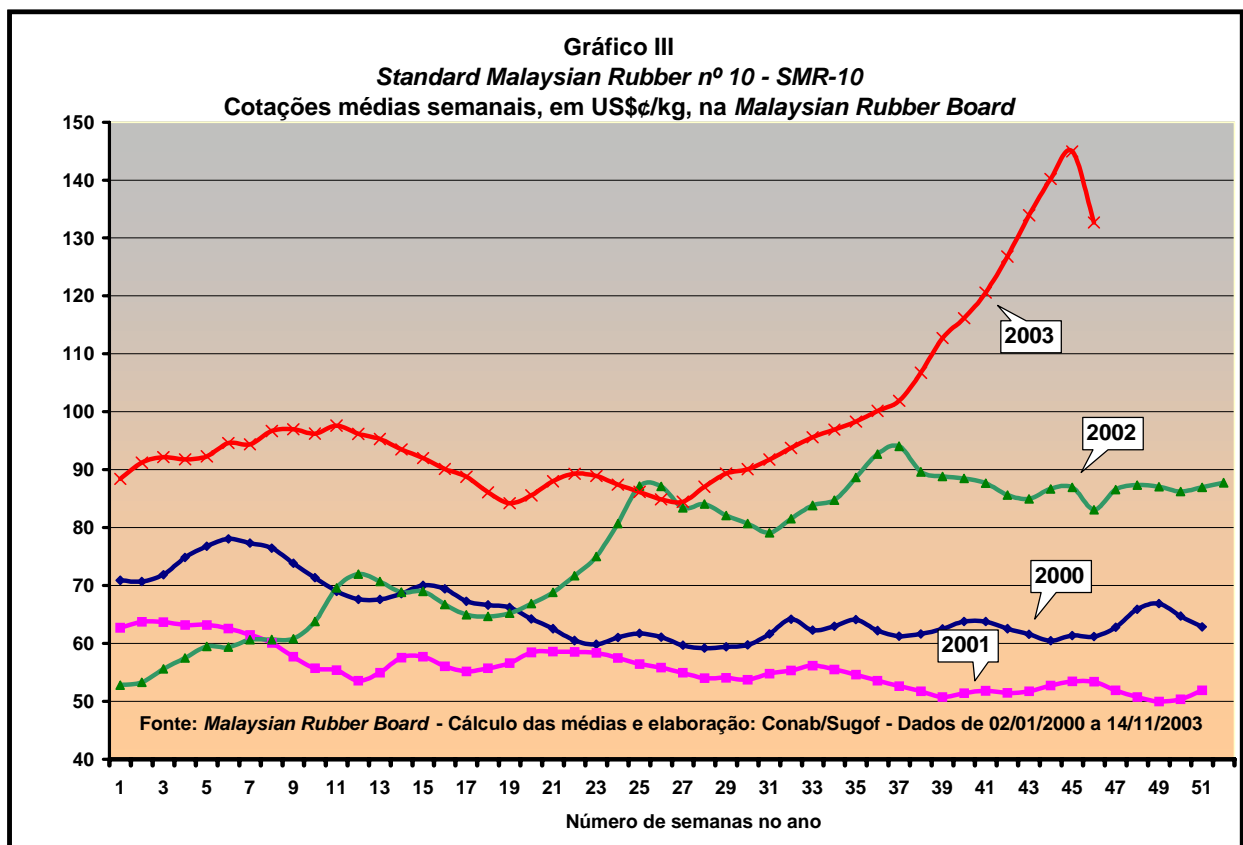
Cerca de 70% de toda borracha natural consumida no mundo é destinada à produção de pneus, para os mais diferentes usos. As empresas pneumáticas são constituídas por grandes conglomerados econômicos que têm poder de pressão na formulação dos preços de compra. Já os países produtores dependem da comercialização desse produto, pois são economias subdesenvolvidas ou em desenvolvimento. Isso faz com que os preços, na maioria dos casos, fiquem ao sabor das políticas dos compradores, e, até recentemente, a consequência natural era que os preços sempre estavam desfavoráveis para os produtores.

Para romper com essa situação, em maio de 2002 a Tailândia, Indonésia e Malásia, maiores produtores mundiais, firmaram o *Tripartite Rubber Cooperation*, com a finalidade de reduzir a produção em quatro por cento, e as exportações em dez por cento, objetivando melhorar os preços de comercialização de seus produtos. Na evolução do acordo, em 06/10/2003 foi assinado em Bali, capital da Tailândia, o *International Rubber Consortium Limited (IRCo)*, para controlar os estoques, o comércio e os preços da borracha, sendo o Vietnã, a Índia e o Sri Lanka estão estudando a possibilidade de aderir ao acordo.

Como detalha o Gráfico III, a medida foi acertada, pois, a partir de então, os preços passaram por um importante processo de reação, tendo atingido a melhor cotação na semana de 17 a 21/06/2002, com a média de US\$¢ 87,16/kg. Em seguida, sobreveio um período de pequenas reduções/elevações, e no fim do ano a borracha estava cotada por US\$¢ 87,75/kg na *Malaysian Rubber Board*. A cotação média da primeira semana de 2003 foi de US\$¢ 88,39/kg, subindo até US\$¢ 94,72/kg na semana de 17 a 21/03/2003, mas com algumas oscilações, até atingir o pico de baixa em US\$¢ 84,43/kg, no período de 30/06 a 04/05/2003, e voltando a subir, chegando ao valor expressivo de US\$¢ 144,96/kg, na primeira semana de novembro deste ano.

A elevação rápida nos preços em 2003 foi atribuída por ações de especuladores, sobretudo no mercado futuro; pelos produtores, que animados com os aumentos da cotação, restringiram a venda de seu produto, e pelas chuvas que têm caído no sul da Tailândia, dificultando a extração do látex. Ainda assim, não pode deixar de ser considerada a eficiência com que está sendo conduzido o acordo de monitoramento da oferta, por parte dos maiores produtores. Entretanto, fatores como a ação dos especuladores e as dificuldades para coleta do látex tendem a dissipar esse cenário, em curto espaço de tempo, motivo pelo qual é possível prever que as cotações do produto voltem r para patamares inferiores aos atuais, ainda no ano em curso.

A evolução das cotações no mercado internacional traz reflexos diretos nos preços do produto no Brasil, pois a indústria brasileira é suprida com borracha importada em cerca de 2/3 de seu consumo. O Gráfico IV permite visualizar o que está ocorrendo, pois com base nas cotações no período de julho/2000 a 14/11/2003, o GEB-1 estava sendo vendido por R\$ 1,36/kg, pelas usinas de beneficiamento, e teve leve correção, atingindo R\$ 1,58 em fevereiro de 2002. Com as restrições impostas pelo Acordo, em junho de 2002 o consumidor brasileiro já comprava a borracha por R\$ 1,92/kg, no

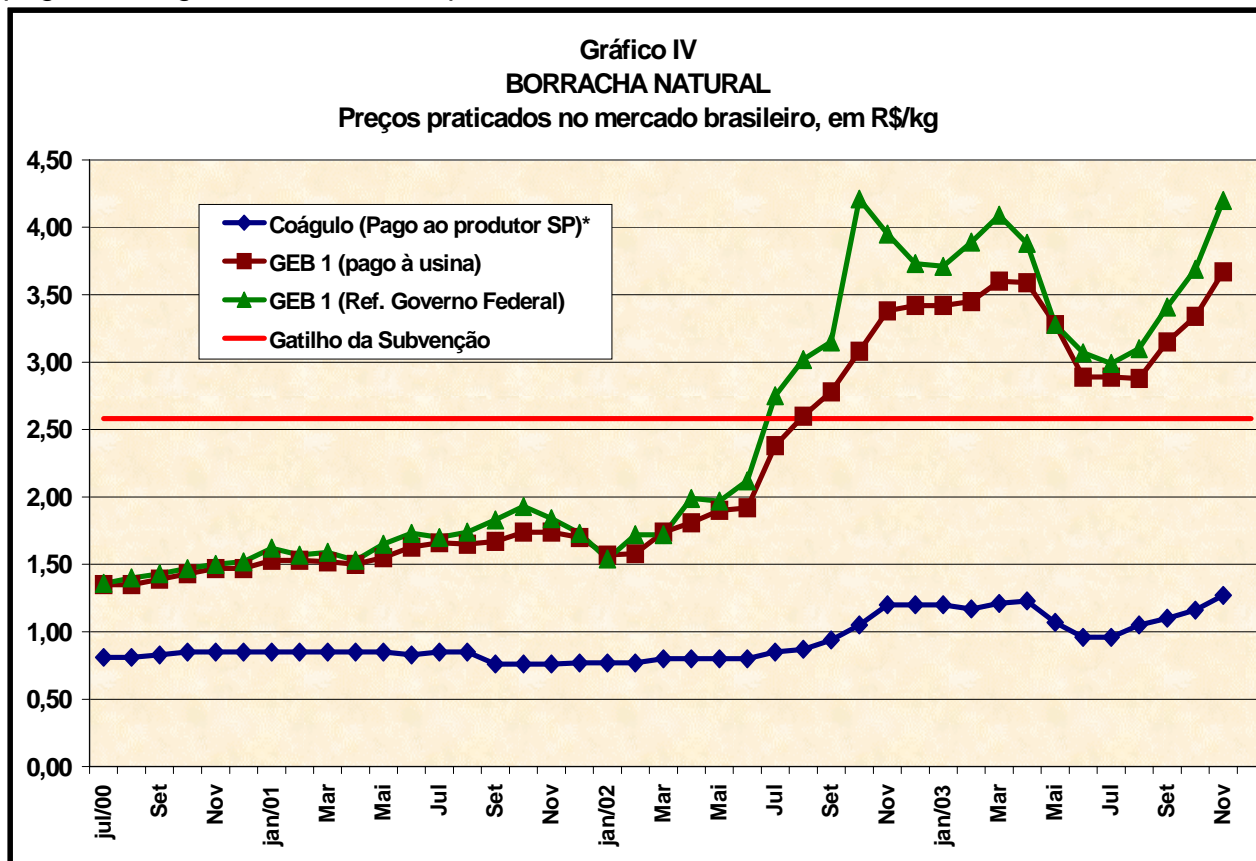


mercado interno, passando para R\$ 3,60/kg em maio de 2003. Em seguida houve um período de redução nas cotações, em face das desvalorizações das moedas da Tailândia e da Malásia, tendo chegado a R\$ 2,89 em julho de 2003, mas elas se recuperaram e atingiram o pico de máximo, com as cotações estimadas em R\$ 3,67/ kg, para novembro. Com as recentes quedas nas cotações na *MRB*, é possível que esses preços tenham que ser corrigidos para baixo.

Com relação aos preços ao produtor, tomando por base as cotações vigentes em São Paulo, em julho de 2000, o coágulo estava sendo vendido por R\$ 0,81 por quilo, mas sofreu reduções até que, em setembro de 2001, estava cotado por R\$ 0,76. Em face da elevação das cotações internacionais, com reflexo nos preços do GEB-1, os beneficiadores passaram a pagar preços melhores por sua matéria-prima, e o coágulo passou a ser comercializado por R\$1,23/kg, em abril de 2003. Entretanto, esses preços não tiveram muita sustentação, e em julho de 2003 a cotação já estava em R\$0,96/kg, mas conseguiu se recuperar, em função dos novos aumentos, e a estimativa para novembro/2003 indica preços ao redor de R\$ 1,27/kg.

Tendo em vista que as cotações no mercado internacional estavam em níveis muito baixos (a média de 1997 foi de US\$¢ 46,16/kg, e de 1998 foi de US\$¢ 30,84/kg), tornando o produto nacional gravoso, foi editada a Lei nº 9.479, de 12/08/1997, que tinha por objetivo compatibilizar os preços internos e externos através do pagamento de subvenção econômica. Conforme é mostrado no Gráfico III, até julho de 2002 os preços calculados pelo Ministério da Agricultura, indicados no gráfico como GEB-1 (Ref. Governo Federal) estavam abaixo do preço gatilho fixado em R\$ 2,58 por kg de borracha beneficiada estando em condições de pagamento da subvenção de acordo com as regras fixadas na Lei.

No Quadro I estão mostrados os valores e quantidades envolvidos com o pagamento governamental no período de 1997 a 2002. No total foram envolvidas 439,4



mil toneladas de borracha com a aplicação de 370,5 milhões de reais. Restam ainda para serem pagos R\$ 11.746.374,67, correspondendo a 18.358.606 kg de produto.

Quadro I
BORRACHA NATURAL
PROGRAMA DE SUBVENÇÃO ECONÔMICA
Quantidades e valores despendidos anualmente, por fonte

Anos	Orçamento		Leilão		Total	
	Quant (kg)	Valor (R\$)	Quant (kg)	Valor (R\$)	Quant (kg)	Valor (R\$)
1997	-	-	17.526.420	15.591.239,20	17.526.420	15.591.239,20
1998	63.000.000	56.700.000,00	-	-	63.000.000	56.700.000,00
1999	45.725.449	41.152.904,53	40.821.132	36.381.723,79	86.546.581	77.534.628,32
2000	45.253.163	40.783.410,56	42.595.927	37.304.024,93	87.849.090	78.087.435,49
2001	47.731.088	42.729.400,00	40.377.751	33.569.903,58	88.108.839	76.299.303,58
2002(*)	54.651.816	41.965.800,00	41.676.595	24.365.506,83	96.328.411	66.331.306,83
TOTAL	256.361.516	223.331.515,09	182.997.825	147.212.398,33	439.359.341	370.543.913,42

Fonte e elaboração: Conab

(*) Dados em fechamento.

De uma forma geral os produtores brasileiros são beneficiados com a valorização da borracha natural no mercado internacional, conforme mostrou o Gráfico IV. Existem, no entanto, muitos relatos de que as “pneumáticas” não têm repassado o preço justo para o produtor, dando-lhe rebate da ordem de cinco por cento em relação a paridade com o mercado internacional. Aos preços atuais do coágulo, variando entre R\$ 1,10 a R\$ 1,30 por quilo, os heveicultores são remunerados de forma eficiente, pois na exploração intensiva a quantidade de árvore por hectare (média de 500 seringueiras) permite boa produtividade.

Entretanto, o mesmo não acontece com o seringueiro (extrativista), pois tem as seguintes desvantagens: a exploração se dá na Região Amazônica onde não existe indústria consumidora final (pneumáticas ou de artefatos) obrigando ao deslocamento até a Região Centro-Sul; as árvores estão dispersas ao longo das “estradas” fazendo com o seringueiro tenha que andar longas distâncias para localizar as árvores para fazer o corte, resultando em produção média de 500 kg de coágulo por ano para cada seringueiro; e as árvores não são uniformes (da mesma variedade) de modo que o látex, muitas vezes, tem diferenças nas suas características físico-químicas depreciando o produto.

Assim, para os produtores de borracha em áreas cultivadas pode-se considerar que o próprio mercado está atendendo suas necessidades pelo menos no presente momento. Pleiteiam basicamente duas linhas de políticas de apoio: o financiamento de recursos para o plantio de novas áreas e apoio na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM). No primeiro caso justificam a demanda, pois os bancos não se sentem muito à vontade em fazer o financiamento de uma cultura que demora entre seis e oito anos para iniciar a produção. No outro caso, a inclusão da borracha na PGPM visa duas medidas: se os preços caírem no mercado internacional teriam um seguro de preços que poderia ser acionado e o produtor poderia vender pelo preço de garantia e para obter recursos de financiamento da comercialização através do Empréstimo do

Governo Federal (EGF) permitindo a estocagem o produto para negociar preços mais vantajosos.

Os extrativistas devem ser tratados de forma diferenciada, pois suas condições de vida assim o exigem. Como já foi visto o rendimento de seu trabalho é muito pequeno, cerca de R\$ 60,00 por mês, além do que existe toda uma complicação para fazer o seu produto sair da área de produção e chegar às usinas de beneficiamento e destas para as indústrias consumidoras. O Governo do Estado do Acre saiu na frente e implantou um programa de complementação de renda muito eficiente e bem sintonizado com as condições do ecossistema local, pois, através de manejo sustentado das árvores não madeireiras os seringueiros coletam óleos, frutos, sementes, folhas, látex, etc. fazendo uma verdadeira cesta de produtos em com isso elevando seus rendimentos.

Existem várias possibilidades de políticas públicas voltadas para esse tipo de público e que seriam interessantes adotar, pois:

- a) o seringueiro é o protetor da floresta, pois sabe que se derrubar as árvores que lhe dão os produtos para comercializar ficará em situação muito difícil;
- b) sua estada no meio da floresta denota uma área ocupada, evitando-se as questão de invasão de terras até por governos e bandidos de outros países;
- c) aproveita-se a riqueza que existe na floresta amazônica, sem degradar o meio ambiente.

Assim, a Conab está estudando várias medidas de apoio a esses produtores rurais que, espera-se sejam implantadas no menor tempo possível.